

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

CINEMA, FILOSOFIA E ENSINO: EXPERIÊNCIAS DO PIBID FILOSOFIA UNICENTRO

Lucas Dariel Guimarães Ribeiro

Bolsista PIBID FILOSOFIA UNICENTRO/CAPES

Stefane katrini Koop

Bolsista PIBID FILOSOFIA UNICENTRO/CAPES

Maikon Meira

Bolsista PIBID FILOSOFIA UNICENTRO/CAPES

Manuel Moreira da Silva

Coordenador PIBID FILOSOFIA UNICENTRO/CAPES

Resumo: Este relato apresenta a primeira atividade do projeto “Luz, câmera, reflexão”, vinculado ao PIBID Filosofia da Unicentro, Campus Santa Cruz, em Guarapuava/PR. O “Luz, câmera, reflexão” consiste em sessões mensais de cinema nas quais se discutem temas e problemas filosóficos a partir de questões do cotidiano. A sessão de abertura discutiu o filme *O show de Truman* e voltou-se para a tematização de questões como a da natureza do real, em especial à noção da realidade sensível como ficção enganadora em Platão, em confronto com a posição de Nietzsche segundo a qual a aparência consistiria em uma esfera autônoma do real. Em vista de tais posições, e do enredo do filme, discutiu-se ainda o problema da autenticidade da existência pessoal em contraposição a uma vida baseada em crenças. A sessão ocorreu no dia 24 de abril de 2014, na sala de cinema da Unicentro, e mostrou-se um exemplo interessante para o trabalho educativo em ambiente externo à sala de aula.

Palavras-chave: Ensino. Filosofia. Cinema. Aprendizagem.

662

Introdução

O projeto “Luz, câmera, reflexão” busca desenvolver, através da exibição e discussão de filmes, uma abordagem filosófica de certas questões e problemas clássicos da filosofia. Assim, visa contribuir para que o aprendizado da disciplina em sala de aula possa se dar de maneira mais dinâmica e participativa por parte dos alunos do ensino médio das escolas participante do Subprojeto Filosofia. O PIBID Filosofia da Unicentro concebe o filme como uma ferramenta ilustrativa e, portanto exemplar das questões que, em geral, são tematizadas em sala de aula, mas que nem sempre podem ser aprofundadas a contento no espaço-tempo escolar. Desse modo, o filme tem o papel de sensibilização do aluno para o tratamento e o aprofundamento dos conteúdos programáticos a serem vistos ou mesmo já vistos em classe.

Mais que um recurso alternativo no ensino de filosofia, o filme é hoje um modo de sentir e de conhecer na medida em que apresenta de forma imagética aquilo que nos textos filosóficos e científicos se mostra sob uma estrutura rigorosamente conceitual e muitas vezes abstrata e formal. Ademais, os discentes já estão habituados a filmes e a tipos semelhantes de acesso e de estímulo ao seu imaginário; aspectos dos quais se pretende apropriar, enquanto forma de conhecimento, a partir do contato prévio dos

alunos com o cinema, para inserir a discussão filosófica e conseqüentemente formas inovadoras do ensino de filosofia. Neste sentido, o projeto “Luz, câmera, reflexão” busca promover um diálogo entre as obras do cinema e as teorias e questões filosóficas, com a apresentação das mesmas sendo feita conjuntamente pelos bolsistas do PIBID Filosofia e pelos alunos das escolas participantes. As discussões e intervenções são espontâneas e tratam de temas e problemas geralmente complexos; o que evidencia o cinema como um interessante recurso didático e como alternativa metodológica para o ensino de filosofia.

A intenção projeto “Luz, câmera, reflexão” é, desde seu início, atrair os alunos do ensino médio para o ambiente acadêmico. Assim eles têm a oportunidade de travar um contato real com a filosofia, enquanto disciplina acadêmica e modo de vida concreto, mas de maneira alternativa, liberta dos elementos convencionais de uma disciplina escolar. Os conteúdos utilizados como fundamentação teórica para debate após a exibição dos filmes são elaborados de maneira livre e colaborativa pelos bolsistas do PIBID Filosofia, sob o acompanhamento do Coordenador de Área, e são voltados para os alunos dos colégios Visconde de Guarapuava e Antonio Tupy; que participam ativamente das sessões, inclusive com sugestão de filmes e temas para discussão. Segue o relato da primeira sessão, organizada pelo pibidiano Lucas Dariel Guimarães Ribeiro, com a colaboração da Bolsista Stefane Koop.

663

“Luz, câmera e reflexão”: *O Show de Truman, o show da vida*, de Peter Weir (1998)

Esta foi a primeira sessão de cinema do projeto “Luz, câmera, reflexão”, ocorreu no dia 24 de abril de 2014, com início programada para as 14h, na sala de cinema da Universidade. Foram convidados os alunos de filosofia do colégio Antonio Tupy Pinheiro e do Visconde de Guarapuava. Na divulgação da atividade foram destacadas as pretensões da mesma: não somente assistir um filme, mas a partir dele levantar questionamentos próprios da filosofia e, talvez mais importante, da vida cotidiana dos alunos das escolas participantes e das pessoas em geral. Como de praxe no “Luz, câmera, reflexão”, decidiu-se que houvesse, já nesta sessão, um texto base escrito pelo pibidianos para os alunos das escolas acompanharem os apontamentos iniciais e a discussão pós exibição. O texto se mostra assim como um ponto de partida para a

reflexão dos presentes, de modo que a discussão tenha claramente uma delimitação filosófica.

Como se sabe, em *O Show de Truman*, o filme, Truman Burbank (Jim Carrey) é um pacato vendedor de seguros que leva uma vida simples com sua esposa Meryl Burbank (Laura Linney). Porém algumas coisas ao seu redor fazem com que ele passe a estranhar sua cidade, seus supostos amigos e até sua mulher. Após conhecer a misteriosa Lauren (Natascha McElhone), ele fica intrigado e acaba descobrindo que toda sua vida foi monitorada por câmeras e transmitida em rede nacional.

No programa de televisão *O Show de Truman*, criado pelo demiurgo Cristof, câmeras observam Truman 24 horas por dia. Tudo se passa na cidade Seaheaven, pacata e rotineira, como uma cidade do interior, na qual produtores, diretores e atores se apropriam da imagem e da vida de Truman, sem seu consentimento ou sua vontade. Todos à sua volta são “espiões”, vigilantes de Truman, que manipulam todas as percepções do protagonista, decidindo dessa maneira os caminhos de sua vida, ou de sua vivência, já que ele não está ali deliberadamente. Ele vive aí o que se chamaria de uma vida que não é real, mas um simulacro (uma cópia) de outro mundo.

664

Uma primeira referência passível para tematização do filme é a noção platônica do **mundo como ficção enganadora** (PLATÃO, 1987). Da qual o pensamento contemporâneo ainda se faz herdeiro na medida em que ainda se sustenta na dicotomia entre esferas opostas, cada uma com características próprias e diversas, graus determinantemente diferentes; por ex.: essência/aparência; profundidade/superfície; original/cópia; realidade/ficção). Noções que foram, de maneira metafórica, representadas na alegoria da caverna, do livro *A República* de Platão, na qual, viver nas sombras é viver de forma fictícia, da aparência tomada como realidade, e uma vida legítima é aquela que contempla as coisas reais, fora da prisão obscura e parcial, onde só é possível conhecer as cópias da realidade. De acordo com esse pensamento, a imagem e os sentidos, de maneira geral, sempre foram associados ao campo da falsidade, da ficção, da ilusão, enquanto a realidade e a verdade sempre foram algo que não está evidente, ou seja, o que está por trás, latente.

Uma segunda referência, porém, consiste na afirmação nietzschiana da **aparência como esfera autônoma**. Segundo Nietzsche (1992; 2001), a noção de uma realidade oculta ou uma verdade que seja o fundamento da aparência não existe. Isso é o

que ele entende por simulacro, pois a “aparência” é uma esfera autônoma, não havendo nada “por trás” da mesma; portanto, nenhum sentido ou verdade ocultos a serem revelados. Esse ideal de realidade que pretende superar a aparência, segundo ele, nasceria e dependeria da própria aparência, o que não as diferenciaria essencialmente, sendo assim, a verdade seria mero efeito.

Em todo caso, para lembrar Vilém Flusser (1966), paira sempre no ar a **“sensação do fictício de tudo que nos cerca e do fingir como clima de nossa vida”**. Durante toda a história do pensamento, houve pensadores que argumentaram a respeito do mundo como ficção enganadora. Para os platônicos, o mundo visto era apenas sombra do real; os cristãos medievais viam o mundo como armadilha montada pelo diabo; os renascentistas sustentaram que o mundo é sonho, o barroco partiu do princípio de que o mundo é teatro; o romantismo estabeleceu, com Schopenhauer, que “o mundo é minha representação”. Em todos esses exemplos há um contraste entre o mundo aparente e o mundo de realidade, porém, para os que romperam com a tradição não há termo de comparação para a ficção que nos cerca, pois a “ficção” ou o mundo sensível, aparente, é a única realidade.

665

Contudo, apesar do que foi discutido acima, a questão realmente importante e mesmo alternativa às posições discutidas não poderia ser outra, por exemplo, a do **Alcance do real como liberdade?**

Ora, no filme, o personagem central, Truman Burbank, vive sob total controle de um sistema completamente absoluto, este torna sua vida e seu pensamento não meramente uma crença, mas um modo de vida, um hábito, construindo assim uma simulação totalitária e opressora. Truman terá que fazer um longo percurso para se desprender da ilusão, do encanto, em direção à liberdade, para que possa reestabelecer seu juízo de realidade e ficção, uma jornada motivada pela dúvida e pelo declínio do que, até então, foi colocado como verdade, como real. Não obstante, o filme também explicita um estágio avançado do capitalismo: este transformou a vida comum em produto e por isso utiliza o programa televisivo com fins comerciais. *O Show de Truman* traz pois algumas reflexões: Será que o espectador, aquele que está no outro lado do programa, diferente de Truman, tem uma vida autêntica? Ou junto com o protagonista também tem seus desejos e hábitos controlados pelo programa, que tem pretensões onipotentes?

Ao aceitar participar passivamente de farsas sociais que têm o consentimento coletivo, como no filme, enquanto espectador do programa e das grandes corporações, consumindo a ficcionalização da vida do outro, não será mesmo quem não é manipulado, como Truman, não está em busca de uma autenticidade perdida pela própria ficção?

Conclusão

A primeira sessão do “Luz, câmera, reflexão” teve aproximadamente trinta alunos cuja presença não foi condicionada a nenhuma obrigação vinculada à disciplina ou aos colégios. A atividade era completamente livre para eles; todos os presentes estavam assim inclinados ao filme e à discussão dele, tanto na abordagem propriamente cinematográfica, quanto na abordagem filosófica dos temas e problemas mencionados anteriormente.

A partir do filme – como ilustração para discutir noções fundamentais da filosofia, desde Platão, sobre a dicotomia do real, da dúvida acerca da aparência e da afirmação da descoberta do real, fazendo analogias com a vida cotidiana – a discussão também abriu a possibilidade de abordar a importância e limites da liberdade. Assim abordou-se a questão das crenças e convenções sociais, estas como legitimadoras da ilusão que pode ser a vida, e da necessidade da afirmação de uma autenticidade da própria existência.

Mostrou-se assim que uma sessão de cinema feita com o filme adequado abre a possibilidade de apresentar diversos temas da filosofia, de maneira menos formal, mas não menos rigorosa, apenas como ferramenta de inclusão do aluno na filosofia e despertar seu interesse pelos temas propostos, até mesmo fornece um espaço para suas expressões de interpretação e intelectual. Esse o exemplo que o projeto “Luz, câmera, reflexão” tem constatado na prática e pretende desenvolver de modo pleno.

Referências

FLUSSER, Vilém. “Da ficção”. In *O Diário*, Ribeirão Preto, SP, 26 de agosto de 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____. *A Gaia ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

PLATÃO. *Diálogos: o Banquete - Fedon - Sofista - Política*. Tradutor: Jose Cavalcante de Souza. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.